

Os estudos de João Gabriel Baptista e a consolidação da Geografia enquanto campo científico no Piauí a partir da segunda metade do século XX

João Gabriel Baptista's studies and the consolidation of Geography as a scientific field in Piauí in the second half of the 20th century

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Docente

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

franciscoufpi@gmail.com

Marcus Pierre de Carvalho Baptista

Doutor em História

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

marcus_pierre@hotmail.com

Recebido: 30/04/2023

Aprovado: 10/01/2024

Resumo: Na segunda metade do século XX João Gabriel Baptista (1920-2010), engenheiro formado na Bahia em 1946, torna-se em 1962 professor universitário no curso de Geografia na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. A partir de então, passa a publicar uma produção profícua acerca da geografia do Piauí, inserindo-se nas redes de sociabilidades intelectuais e nos espaços acadêmicos existentes na época no estado. Esta conjuntura permitiu ao indivíduo tornar-se um intelectual e elaborar uma produção sistemática na área de Geografia do Piauí, com a publicação de sete livros autorais, sendo um dos principais responsáveis pela constituição do saber científico de geografia no estado. O objetivo deste artigo foi analisar as condições históricas que possibilitaram a inserção do indivíduo nestas redes, a elaboração de seu pensamento e obras de Geografia, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental. Destacou-se a pertinência do contexto de época para sua constituição enquanto intelectual, para a produção de suas obras e sua relevância para a Geografia no Piauí.

Palavras-chave: História Intelectual; Redes de Sociabilidade; Biografia Histórica.

Abstract: In the second half of the 20th century, João Gabriel Baptista (1920-2010), an engineer graduated in Bahia in 1946, became a university professor in 1962 in the Geography course at the

Catholic Faculty of Philosophy of Piauí. From then on, he began to publish a prolific production about the geography of Piauí, inserting himself into the networks of intellectual sociability and academic spaces existing at that time in the state. This conjuncture allowed the individual to become an intellectual and develop a systematic production in the field of Geography of Piauí, with the publication of seven authored books, being one of the main responsible for the constitution of the scientific knowledge of geography in the state. The objective of this article was to analyze the historical conditions that enabled the individual's insertion into these networks, the elaboration of his thoughts and Geography works, using bibliographic and documentary research. The relevance of the historical context was highlighted for his constitution as an intellectual, for the production of his works, and his relevance to Geography in Piauí.

Keywords: Intellectual History; Sociability Networks; Historical Biography.

Introdução

Em 21 de outubro de 1989 o jornal O DIA publicou uma entrevista realizada com João Gabriel Baptista. Este, por sua vez, nasceu no ano de 1920 em Teresina (PI). Filho do Desembargador Ernesto José Baptista (1873-1965). Na década de 1940 estudou Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia (1942-1946) em Salvador. De volta ao Piauí ao término de seu curso consegue seu primeiro emprego, através de seu pai, no Serviço Nacional de Malária a partir de 1947.

Em 1951, torna-se professor do Liceu Piauiense com defesa da tese Vulcões do Brasil, e em 1961 é convidado para ingressar no quadro docente do curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI), tornando-se posteriormente professor do mesmo curso na Universidade Federal do Piauí (UFPI) a partir de sua fundação em 1973, permanecendo nesta até sua aposentadoria em 1991.

Integrou também o governo estadual de Gayoso e Almendra de 1954 a 1958 enquanto Secretário de Obras, bem como Engenheiro pelo Departamento de Estradas e Rodagem (DER) até 1981, quando também se aposentou. Foi ainda membro da Academia Piauiense de Letras (APL), tendo ingressado nesta em 1978, e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGPI), permanecendo em ambos até a data de seu falecimento em 2010 em decorrência do mal de Alzheimer.

Deste modo, a matéria intitulada “Gabriel Baptista: desvendando os segredos da geografia do Piauí e do Brasil” tinha por objetivo que o público leitor do jornal conhecesse um pouco mais sobre a trajetória do professor que até então contribuía com artigos sobre História e Geografia no jornal em questão.

Em seus 46 anos dedicados à vida pública até então, conforme indica o texto publicado no jornal, o foco dado pelo entrevistador refere-se justamente à “importância” que o referido professor e pesquisador teria tido para o Piauí, bem como de que forma sua trajetória profissional, desde sua formação na escola politécnica da Bahia em Engenharia Civil até os cargos que ocupou ao retornar ao Piauí, possibilitaram essa “relevância” ao se pensar, especialmente, sua contribuição para a Geografia do estado.

A entrevista, no entanto, ao produzir um enfoque na trajetória acadêmica e profissional do sujeito em questão, termina silenciando outros aspectos da vida deste, preteridos, possivelmente, pelo próprio indivíduo quando afirma que sua inclusão na Academia Piauiense de Letras (APL) tendo sido um “[...] dos maiores momentos de minha vida. Era um fato a entrada de um pesquisador na APL, ocupando a cadeira de um literato, como ocorreu com outros dois [...]” (BAPTISTA, 1989, p. 1).

Ao rememorar, então, em 1989, sobre sua entrada na APL na década anterior, é perceptível o destaque dado pelo sujeito e a percepção construída de si não enquanto um literato, mas sim enquanto um pesquisador e, portanto, por este motivo e por sua contribuição científica ao Piauí teria conseguido ocupar uma cadeira na APL.

É nesta produção para contribuir com o conhecimento científico no Piauí que João Gabriel Baptista escreveu e publicou 7 obras, sendo estas Vulcões do Brasil (1951), Nascentes de um rio (1971), Resumo Corográfico do Estado do Piauí (1971), Geografia Física do Piauí (1975), Mapas Geohistóricos (1986), A Origem do rio Parnaíba (1987) e EtnoHistória Indígena Piauiense (1994).

Além disso, publicou artigos sobre a geografia, geologia, economia e história do Piauí na revista Econômica Piauiense, publicada entre 1957 e 1960, nos Jornais Folha do Nordeste em 1962 e 1963 e verbetes sobre a mesma temática no jornal O DIA em 1966. Teve, então, significativa contribuição para a geografia e história do Piauí, sendo reconhecido por seus pares, ao

considerarmos o ingresso na APL, bem como os elogios feitos a seu trabalho presentes nos prefácios de suas obras.

Deste modo, para este artigo nosso objetivo constou em compreender de que modo a conjuntura social em que João Gabriel Baptista se inseriu na segunda metade do século XX no Piauí possibilitou que o indivíduo se configurasse enquanto um dos pesquisadores com maior produção na área de Geografia no estado, servindo para a consolidação do campo de estudo quanto ao território piauiense.

Para isto a metodologia constou de pesquisa bibliográfica e documental, utilizando-se de autores e fontes, a exemplo de jornais e entrevistas, que possibilitassem a discussão acerca do recorte temporal e espacial, especialmente no tocante às redes de sociabilidades intelectuais existentes na época e como João Gabriel Baptista se insere nelas. Assim, para este artigo as questões apontadas por Sirinelli (1998), Tórres (2010), Moura (2010), Alberti (2004; 2013), Bourdieu (2006) foram fulcrais para a operacionalização das fontes, concretização da pesquisa e compreensão da relevância da inserção do sujeito em certos espaços no tocante à sua produção, principalmente, no campo da ciência geográfica no Piauí.

João Gabriel Baptista, sua constituição enquanto intelectual e a consolidação do conhecimento geográfico no Piauí novecentista

Era uma sala pequena, aparentemente um escritório, cercado por estantes com livros que não escondem sua idade, alguns amarelados, outros com páginas que já se deterioram frente as intempéries do tempo, outros cobertos por teias de aranha, indicando que há muito não são tocados. Nesse local, antes ocupado por um sujeito diariamente, principalmente para realização de leituras, escondido em meio a diversos outros materiais de Geografia e História, encontravam-se três pequenos cadernos de desenho.

Estes cadernos, cuidadosamente guardados entre diversos outros materiais de estudo e de pesquisa, no interior de suas páginas, era possível encontrar dezenas de recortes de jornais, páginas e mais páginas de periódicos piauienses publicados entre os anos de 1962 e 1966 em Teresina.

Tratava-se de lembranças cautelosamente conservadas, minuciosamente selecionadas à medida que os jornais eram publicados e chegavam às mãos do indivíduo em questão. O conteúdo? Publicações do próprio sujeito. Textos de pesquisas em Geografia e História que ele mesmo havia realizado e que no momento compartilhava com o público letrado piauiense daqueles periódicos em questão.

Talvez uma pessoa desavisada ou que apenas estivesse limpando aquele velho escritório passaria rapidamente a vista nestes cadernos e logo os descartaria. Talvez se questionasse: mas por que o João Gabriel Baptista teve o cuidado de guardar estes recortes de jornais sem identificação? Ainda assim, sem conseguir estabelecer um sentido para o ato do sujeito, este se perderia no tempo e logo cairia no esquecimento.

Ao olhar do pesquisador em História, no entanto, esta conduta por parte do indivíduo não apenas não decorre à toa como guarda em si uma série de subjetividades que extrapolam o documento. Neste sentido, a fonte hemerográfica, isto é, o jornal, assume novos sentidos e passa a compor um novo tipo de fonte, agora interpelado diretamente pelo sujeito que teve o cuidado de alterar sua forma objetivando constituir uma memória de si por meio de uma escrita de si.

Assim, no caso de João Gabriel Baptista, a constituição de uma identidade enquanto intelectual, tanto para si como em projeção para os outros, é algo que o perpassa a partir de fins dos anos 1950 até o fim de sua vida, tratando-se de questão que se reflete ao longo do tempo não necessariamente em uma escrita autorreferenciada ou autobiográfica, mas na preservação de documentos que legitimariam ou conservariam essa memória de si, isto é, sua atuação na geografia e história do Piauí, consequentemente sua identificação enquanto intelectual. Ao historiador, então, é necessário, ao tratar esse tipo de fontes, compreender que

[...] essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita — como é o caso das autobiografias e dos diários —, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções [...]. O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. (GOMES, 2004, p. 11).

Cabe destacar que, nesse sentido, a memória se torna elemento fundamental para a edificação de uma identidade, tendo em vista que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de

identidade” (POLLAK, 1992, p. 5), que possibilita a construção de uma imagem de si, ou do seu eu, uma perspectiva sobre si, bem como uma projeção de si para os outros. Assim, entendemos que no caso de João Gabriel Baptista o cuidado em preservar certos documentos, especialmente aqueles relacionados às suas publicações, seja elas em jornais ou em revistas, além da prática em presentear outras pessoas, especialmente professores e pesquisadores com suas obras, denota de um tratamento dado pelo sujeito a constituição do seu “eu” não apenas para “si”, mas também para o “outro”, isto é, delimitar um lugar social (CERTEAU, 1982), no qual ele se encontrava inserido e, conseqüentemente, que compunha sua identidade, sendo esta, a de pesquisador na área de História e Geografia do Piauí.

Desta forma, a identidade, construída por meio da interface entre a memória coletiva e individual, se torna uma relação estabelecida entre o indivíduo e o coletivo, de modo que os seus significados são construídos por meio da Alteridade, isto é, pelo que o sujeito diz de si, mas pela forma como os outros o percebem também. Este empenho em estabelecer uma identidade para si, vinculado em muitos casos a um suposto sentimento de coerência, coesão, unidade e continuidade, especialmente ao considerarmos identidades coletivas, ocorre porque “[...] o ‘eu’ do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo” (GOMES, 2004, p. 13).

Para João Gabriel Baptista, então, o cuidado em conservar e preservar suas produções acadêmicas, especialmente aquelas publicadas em documentos mais frágeis e fáceis de se perderem no tempo, como o caso dos jornais, assume este sentido, isto é, uma necessidade por parte do sujeito de constituir uma identidade para si enquanto intelectual por meio de uma produção de si legitimada em seu caso pela manutenção de elementos materiais que permitiriam a construção desta identidade.

O recorte em questão não apenas denota a preocupação da pessoa com a preservação¹ de documentos considerados pertinentes para si, mas também o cuidado com o que era publicado, haja visto a “correção” feita em um dos verbetes do documento apresentado e publicado no jornal *O DIA*, possivelmente para que em uma futura publicação fosse corrigido ou realizado uma errata.

¹ Cabe destacar que os documentos conservados pelo sujeito não se limitaram a suas produções acadêmicas, mas também a seus textos literários, não apenas cuidadosamente preservados em seu escritório no decorrer das décadas, mas também encadernados em capa dura, ainda que nunca tenham passado por um processo de editoração e posterior publicação.

Não apenas nestas publicações, mas também em suas produções publicadas em livros, especialmente aquelas que tiveram mais de uma edição, a exemplo de *Geografia Física do Piauí*, com a primeira edição publicada em 1975 através do Plano Editorial do Estado (TÔRRES, 2010), João Gabriel Baptista teve essa preocupação, face o receio de como a existência destes equívocos poderiam implicar na própria percepção que a sociedade tinha dele, mas principalmente os seus pares, isto é, esta “preocupação” em corrigir aspectos presentes em sua produção para edições em anos posteriores, deixando estas correções anotadas em manuscritos que, posteriormente, se traduziram em novas edições de suas obras, também conectava-se com a constituição de sua identidade enquanto intelectual, bem como da importância do olhar do “outro” para o “eu”, portanto, da alteridade neste processo de invenção.

Além disso, nas poucas entrevistas que concedeu e que tratavam sobre sua biografia, considerando sua suposta “relevância” para o estado do Piauí na área de Geografia, há sempre uma preocupação por parte do sujeito da manutenção de uma trajetória ilibada e inteligível, constituindo-se em uma narrativa marcada pela ilusão biográfica, pelos “sempre”, tão cara a Bourdieu, por uma suposta ideia de linearidade e necessidade de racionalizar uma trajetória que, a partir de seu olhar no tempo presente, transcorreu do modo que deveria ser. Deste modo, destaca na entrevista cedida a Barros: “Cheguei onde cheguei porque sempre andei absolutamente correto, nunca fiz besteiras [...] Eu sempre dediquei meu tempo às minhas atividades profissionais e à minha família [...]” (BARROS, 2001, p. 6).

Esta percepção de si, talvez, relacione-se com a própria formação durante o período Vargas e os aspectos postos na época quanto a uma nacionalidade pautada na formação do trabalhador, conforme Gomes (GOMES, 1999). À época, João Gabriel Baptista, finalizava o ensino secundário e, em fins dos anos 1930, mudava-se para o Rio de Janeiro para realizar os preparatórios para o ingresso no ensino superior. Durante este período e no início da década seguinte, antes de ingressar no ensino superior, foi ainda escoteiro entre os seus 17 e 20 anos de idade.

Esta experiência de João Gabriel Baptista nos é pertinente haja visto que nesta época produziu um documento de caráter autobiográfico, um manual de escotismo, que, ainda que focado neste ofício específico, trazia elementos de seu imaginário social na época, inclusive aspectos do governo varguista, geralmente enaltecendo-o. Isto posto, não seria impossível de se imaginar que, ao

rememorar sua trajetória, algumas particularidades decorrentes do governo varguista, como a ode a construção da nação por meio do trabalho, o tenha interpelado no decorrer de sua vida, considerando sua formação neste momento.

Não obstante, outra situação merece destaque e, possivelmente, explique a necessidade de João Gabriel Baptista de destacar uma suposta trajetória ilibada, sendo esta um outro recorte temporal vivenciado entre os anos de 1964 e 1985, ou seja, a ditadura militar. No caso de João Gabriel Baptista, ainda que este tivesse medo do momento, conforme lembrado por suas filhas, a necessidade de afastar-se de qualquer atividade considerada problemática ou que se caracterizasse como algo incorreto, não partia apenas de uma suposta moralidade, mas da possibilidade de se inserir nas redes de sociabilidades locais, estas últimas integradas ao aparato estatal.

Posteriormente esta inserção permitiu que suas publicações fossem realizadas por meio de financiamento público, seja por meio de políticas elaboradas pelo estado do Piauí durante a ditadura, ou através da Universidade Federal do Piauí e da Academia Piauiense de Letras, conforme indicaremos ao longo desta narrativa.

Dito isto, outra questão a se destacar por meio dos verbetes publicados no jornal *O DIA* e que dialoga com as pesquisas realizadas e textos escritos por João Gabriel Baptista nos anos que seguem até o início dos anos 1990 relaciona-se diretamente com os motivos que legitimaram ao sujeito a necessidade de elaborar sua produção acadêmica. Para além da vontade de se inserir nas redes de sociabilidades (SIRINELLI, 1998) existentes na época em Teresina, incide ainda sobre o indivíduo a necessidade de preencher lacunas que, em sua opinião, outros estudos da época ou mesmo pregressos não tratavam, bem como uma questão identitária diretamente alusivo a um “ser piauiense”.

Não é por acaso, então, que destaca a importância na época de “[...] trazer ao conhecimento dos leitores das cousas piauienses, nomes de nossa história, de nossa geografia e de nossos costumes, pouco conhecidos [...]” (BAPTISTA, 1966, p. 1). Tratava-se de uma percepção que o sujeito tinha no momento sobre os estudos nas ciências humanas no Piauí, particularmente na área de Geografia na qual atuava havia alguns anos.

Não obstante isso, certamente estes estudos também se tornaram pertinentes para que a pessoa pudesse legitimar sua prática docente na FAFI² e, posteriormente, na UFPI, haja visto as disciplinas que ministrava nestas instituições, a exemplo de Cartografia, disciplina pela qual foi inicialmente convidado para se tornar professor na FAFI, Geografia do Brasil, Prática de Pesquisa de Campo (BAPTISTA, 2021), dentre outras, que exigiam conhecimentos sobre a geografia do estado.

Além disso, a questão da identidade também se faz presente enquanto um elemento relevante no que se refere aos porquês das escolhas realizadas por João Gabriel Baptista nos caminhos que decide percorrer no âmbito profissional e nas identidades que constrói ao longo da sua vida, especialmente a de professor e intelectual no cenário piauiense entre os anos 1960 e 1990.

Não foi sem motivo, então, que na primeira publicação dos verbetes piauienses no jornal *O DIA* a pessoa identificou-se enquanto “O PIAUIENSE”, tratando-se de um destaque feito tanto para o público, no sentido de legitimar as questões que ali apresentava, haja visto que o próprio indivíduo era um filho do Piauí, portanto, teria propriedade para tratar de sua história e geografia, mas também pelo próprio sentimento de pertencimento que mantinha com o estado, imputando-lhe também demandas sobre as pesquisas que desejou realizar ao longo de sua vida.

Não sabemos, no entanto, a partir de que momento esta identidade relacional (WOODWARD, 2014) ao Piauí foi construída, especialmente considerando que ao rememorar sua trajetória e seu retorno ao território piauiense, João Gabriel Baptista ponderou muito mais sobre a questão profissional do que um suposto sentimento de pertencimento ou mesmo relações familiares quanto aos motivos que o levaram a voltar ao Piauí nos anos 1940.

Em algum período, porém, entre o seu retorno e até os anos 1960 e 1970, quando seus filhos passam a construir sua memória afetiva quanto a seu pai, bem como considerando a própria publicação nos jornais da época, a exemplo desta última citada no jornal *O DIA*, é perceptível que um suposto sentimento de pertencimento ao Piauí, portanto de identidade, esta última enquanto um processo e uma invenção (HALL, 2006), passa a influenciar nos motivos que o levaram a realizar e produzir pesquisas sobre o Piauí, particularmente acerca da Geografia do estado. Sobre as razões que o motivaram a seguir o trajeto profissional na área da Geografia tanto Elisabeth Mary de Carvalho Baptista como Maria do Socorro Baptista Barbosa, duas de suas filhas, destacam a importância da

² Sobre a fundação da faculdade em 1958 ver Melo (2006).

questão identitária. A primeira, nascida em 15 de abril de 1964, é a sétima filha de João Gabriel Baptista. Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Piauí (1985). Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela mesma universidade (2004) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). É professora associada no Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí afirmou o seguinte:

A única coisa que eu lembro dele comentar é que a cartografia foi que tinha levado ele para a geografia, né, e de que ele tinha influência dos dois tios dele, tanto tio Benjamin quanto tio Mário, que também eram geógrafos e historiadores e eu acho que essa influência que levou ele a, a, a ... A se apaixonar também pela Geografia. E eu acredito também que toda a atuação dele, porque todo o perímetro de atuação profissional dele exigia que ele viajasse pelo território do estado. E isso fez com que ele fosse começar né, a se apaixonar [...] Eu acho que tudo isso foi levando ele a se apaixonar pela geografia e pela história do estado dele. Então, assim, ele era um apaixonado pela geografia e pela história, ele era um apaixonado pela história dos índios, falava muito, né, por mapas, afinal, né, a grande atuação dele é na cartografia. Fazia mapas como ninguém fazia mapas, a mão [...] (BAPTISTA, 2021).

Maria do Socorro Baptista Barbosa, por sua vez, nascida em 13 de setembro de 1958, é a quinta filha de João Gabriel Baptista. Graduada em Licenciatura Plena em Português e Inglês pela Universidade Federal do Piauí (1982). Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Foi professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí até dezembro de 2017, quando se aposentou, rememorou o seguinte:

[...] Geografia era a paixão dele. Ele é muito interessante isso porque ele era engenheiro, mas a grande paixão da vida dele era geografia do Piauí, né. Em termos de conhecimento era o que ele mais gostava de trabalhar, era o que ele realmente tinha, tinha um amor muito grande pelo estado, pelo rio Parnaíba e por ensinar sobre isso. Ele tinha um prazer muito grande de falar sobre isso, então, eu acredito mesmo. Ele, ele chegou algumas vezes a dizer que era muito melhor dar aula de geografia. Uma pessoa que tinha formação em engenharia e chegou a dar aula de todas as disciplinas do curso de Geografia, pelo menos as disciplinas da área física, mostra exatamente o amor que ele tinha por essa geografia, né. Não era o mesmo amor que ele tinha pela matemática, embora ele soubesse muita matemática, né. Eu aprendi algumas coisas com ele de matemática quando eu tinha dúvidas. Quem vai puxar esse lado da matemática dele é o meu irmão Orlando, né. Agora Geografia era a paixão dele, então, assim dar aula de Geografia, eu acho que ele nunca sonhou em fazer isso até que um dia ele foi convidado a dar aula de cartografia no curso de Geografia ainda da FAFI porque não tinha outro cartógrafo no Piauí, ele era o único na época e aí tá. “Professor Gabriel, o senhor aceita?”. “Aceito.”. E pronto aquilo se tornou a paixão dele, né. Dali pra frente foi cartografia, foi geografia física e outras coisas. A quantidade de livros que ele publicou sobre geografia física do Piauí eu acho que indica claramente esse amor que ele tinha pela geografia, né, e pelo rio Parnaíba também. “Nascentes de um rio”, “A Via Crucis de um Rio”, que é um dos textos mais bonitos que eu já li sobre o rio Parnaíba, então acho que ele

foi muito mais feliz como professor de Universidade do que como professor de segundo grau. Com certeza ele gostava, ele tinha um carinho [...] (BARBOSA, 2019).

Desta forma, nas lembranças das professoras, a questão afetiva, aparentemente, influenciou bastante nas escolhas realizadas por seu pai, ou pelo menos esta foi a percepção que tiveram e construíram em sua memória durante o ato de rememoração do período em que conviveram juntos.

De todo modo, suas lembranças corroboram com a própria publicação feita por João Gabriel Baptista ainda nos anos 1960, indicando como a questão identitária esteve presente e também referenciou as decisões e os caminhos percorridos por João Gabriel Baptista, principalmente no tocante às pesquisas que optou por realizar ao longo de sua vida, destacando-se seus estudos sobre a geografia do Piauí, particularmente na área de Cartografia e Hidrografia.

Ao compreendermos, então, que a História é marcada pelo heterogêneo em detrimento a uma suposta homogeneidade, entendendo que a experiência humana é assinalada pelo singular, pelo diferente, por relações estabelecidas entre esta heterogeneidade que sublinha os indivíduos e refletem nas ações e no imaginário destes últimos, interessando ao historiador e à produção de sua narrativa, principalmente, os elementos que compõem esta Diferença (ALBUQUERQUE JR., 2007).

Neste sentido, ao analisarmos sua trajetória profissional, cabe destacar como se diferencia no cenário intelectual piauiense não por ser o primeiro a ter uma produção na área de Geografia sobre o Piauí, tendo em vista a existência de autores que já trataram do tema previamente, a exemplo de David Caldas³, Benjamin Baptista⁴, Mário José Baptista⁵, Odilon Nunes⁶, dentre outros, mas por ser o primeiro a ter uma produção sistemática nesta área do conhecimento legitimada pelo lugar social

³ Nascido em Barras em 1836 e falecido em Teresina em 1879, foi um político, jornalista, professor e escritor. Atuou de modo significativo na imprensa piauiense na segunda metade do século XIX até sua morte. Foi ainda deputado estadual, professor da Escola Normal Oficial e do Liceu Piauiense, além de ter assumido outros cargos no governo provincial. Escreveu obras de aspectos variados, destacando-se aqui o seu *Relatório de viagem feita de Teresina até a cidade de Parnaíba* de 1867, no qual registra diversos dados e descrições do rio Parnaíba até o seu delta, tratando ainda sobre a vila de Amarração, as populações dos locais em que passava, clima, vegetação etc., podendo-se considerar como um documento geohistórico na contemporaneidade (GONÇALVES, 1997).

⁴ No início do século XX ressalta-se a publicação de sua obra denominada *O Piauí* que tratava de uma série de questões referente ao estado e seus municípios, notadamente sua população, clima, orografia, condições sanitárias e posição geográfica (GONÇALVES, 1997). O sujeito em questão foi influência intelectual de João Gabriel Baptista e também seu tio.

⁵ Destaca-se a sua obra publicada em 1927 chamada *Hidrografia e Orografia do Estado do Piauí* (GONÇALVES, 1997), tendo sido uma das influências intelectuais de João Gabriel Baptista, além de um de seus tios.

⁶ Pode-se citar, por exemplo, o seu artigo na revista *Econômica Piauiense* de 1957 intitulado “Geografia e História do Piauí: um documento do século XVII” no qual trata sobre uma das primeiras fontes escritas acerca do Piauí, isto é, *Descrição do Sertão do Piauí* produzido em 1697 pelo Padre Miguel de Carvalho, indicando este com um dos primeiros documentos sobre a geografia e história do território piauiense ainda no período colonial (MOURA, 2010).

(CERTEAU, 1982) ocupado pelo sujeito na época, isto é, o espaço universitário na condição de docente do curso de Licenciatura em Geografia na FAFI e, posteriormente, na UFPI.

Por este motivo, interessa-nos para esta narrativa as condições históricas que permitiram a elaboração de seu pensamento, isto é, de sua produção acadêmica em Geografia e em História, bem como de que modo sua inserção no cenário intelectual da época também possibilitou que realizasse e divulgasse sua pesquisa/produção entre os pares, professores e intelectuais neste contexto.

Assim, ao considerarmos sua produção acadêmica, tanto as obras publicadas como aquelas não publicadas, algumas questões tornam-se perceptíveis, isto é, os temas e recortes escolhidos pelo sujeito, com estes não podendo ser percebidos enquanto aleatórios, mas sim seguindo uma lógica do próprio indivíduo e atendendo a interesses próprios por parte deste, bem como a maneira como elabora suas narrativas, estabelecendo diálogo da teoria com a empiria à medida que trata sobre o Piauí.

Não é por acaso, então, que o rio Parnaíba assume papel central em sua produção, sendo preocupação do autor em várias de suas narrativas, a exemplo de *Nascentes de um Rio* (1971) e *A Origem do Rio Parnaíba (Uma tese)* (1986), assim como estudos mais gerais sobre o Piauí, como *Geografia Física do Piauí* (1975). Tratava-se de pesquisas que, para o autor, preenchiam lacunas no campo geográfico no Piauí que até este momento ainda não haviam recebido a devida atenção, conforme percebido nas apresentações e prefácios de suas obras indicadas a seguir:

[...] Mestre João Gabriel Baptista proporciona às letras especializadas mais uma valiosa contribuição, com o lançamento da sua “Geografia Física do Piauí” [...] Fiel ao estudo da Geografia, ofereceu-nos “Nascente de um rio” e “Resumo Corográfico do Estado do Piauí” e tem a publicar um substancial “Dicionário Geográfico Brasileiro”, com verbetes relativos ao Piauí. O acreditado professor da Universidade Federal do Piauí tem, todavia, na “Geografia Física do Piauí”, a sua mais importante contribuição às nossas letras geográficas, **preenchendo uma lacuna que há muito reclamava solução** [...] O autor mostra nos capítulos em referência volumoso conteúdo, sendo de ressaltar as cansativas pesquisas que realizou. Não se trata de mero trabalho de coleta de dados e informações; há pesquisas e trabalhos de campo, indispensáveis a uma obra deste vulto [...] É muito bom que mestre João Gabriel Baptista tenha se dedicado a tão significativa tarefa. Afinal, “ninguém ama o que desconhece” e o livro revela o Piauí aos piauienses. Suas carências, suas possibilidades, suas potencialidades. O livro é um convite ao conhecimento do Piauí [...] (SILVEIRA FILHO, 1975, p. 1-2, grifo nosso).

[...]

Apresentamos ao público e, em especial, aos escolares piauienses, um RESUMO COROGRÁFICO DO ESTADO DO PIAUÍ, **tentando preencher uma lacuna**

existente no Ensino Primário. Desejamos para êle a benevolência e o estímulo de seus possíveis leitores. Àqueles e a estes solicitamos encaminhar sugestões, notas, corrigendas e quaisquer outras observações que devam ser feitas, para melhor compreensão e para que possa servir melhor à mocidade de nossa terra (BAPTISTA, 1971, p. 1, grifo nosso).

Ainda que tenhamos indicado anteriormente acerca da parca existência de estudos sobre a geografia do Piauí, o que corroboraria com o discurso realizado pela pessoa e pelos seus pares no sentido de preencher lacunas deste conhecimento no Piauí, é mister inferir que certamente também foi um modo de legitimar e garantir relevância às suas pesquisas frente ao cenário intelectual para que estas pudessem estar integradas àquelas que também tiveram a oportunidade de serem publicadas nesta época.

Além disso, a própria inserção nas redes de sociabilidades dos intelectuais (SIRINELLI, 1998) neste momento também possibilitou e contribuiu para que pudesse compor o grupo de pesquisadores que tiveram a oportunidade de publicar suas obras neste início dos anos 1970, como foi o caso de *Resumo Corográfico do Estado do Piauí*, publicado em 1971, e *Geografia Física do Piauí*, editorado algum tempo depois no ano de 1975, ambos através do governo do estado.

Assim, tanto no caso de *Resumo Corográfico do Estado do Piauí* como de “*Geografia Física do Piauí* certamente a amizade⁷ construída com José de Arimathéa Tito Filho⁸ constituiu papel relevante na seleção de João Gabriel Baptista para que suas obras pudessem ser contempladas com a publicação. Sobre esta última relação estabelecida entre os dois indivíduos, a filha mais nova do sujeito, Elisabeth Mary de Carvalho Baptista, disse o seguinte:

Ele tinha uma relação de muita amizade com os acadêmicos, né, ele tinha muito orgulho de ser, por fazer parte da academia. Ele tinha uma amizade muito estreita com o professor Arimathéa Tito Filho, que foi um presidente da academia, quando ele... Que... Constava... Quando a academia né, ganhou a sede, então era o presidente, era o Arimathéa Tito Filho, tá? Mas tinham outros que foram muito amigos dele ou que tiveram contato bem forte com ele, né? O professor Raimundo Santana, hum... Hum... Acredito que, eu acho que o professor Júlio Romão também, professor Benjamin do Rego Monteiro, hum... Professor Paulo Nunes, professor... O professor... Paulo Freitas, poeta Hardi Filho, professor Paulo Freitas, e tem outros [...] (BAPTISTA, 2021).

⁷ O professor José de Arimathéa Tito Filho compôs, juntamente com Álvaro Ferreira e Simplício de Sousa Mendes, a banca examinadora que avaliou João Gabriel Baptista (1920-2010) para o seu ingresso no Liceu Piauiense (BARROS, 2001), denotando que, possivelmente, o início da relação estabelecida por ambos os sujeitos remonta a este momento

⁸ Nascido em Barras (PI) em 1924 e falecido em Teresina em 1992, era formado em Direito, tendo sido jornalista, literato, historiador e professor no decorrer de sua carreira. Foi docente no Liceu Piauiense e na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, além de colaborador em diversos jornais piauienses. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e da Academia Piauiense de Letras, tendo presidido esta última por duas décadas, sendo ainda autor de inúmeras obras, tanto de literatura como de história (GONÇALVES, 1997; NASCIMENTO, 2015).

Cabe destacar que a existência de laços afetivos entre os sujeitos torna-se pertinente no contexto do início dos anos 1970 especialmente pelo lugar social (CERTEAU, 1982) que ambos ocupavam, mas principalmente o de José de Arimathéa Tito Filho, haja visto que no início da década este último encontrava-se na posição de Secretário de Estado da Educação e Cultura⁹ no governo estadual de João Clímaco de Almeida¹⁰ no Piauí e, posteriormente, passa a ocupar a função de presidente da Academia Piauiense de Letras, assumindo papel relevante no cenário intelectual e cultural neste momento (TÔRRES, 2010; NASCIMENTO, 2015), conseqüentemente influenciando diretamente a trajetória intelectual de João Gabriel Baptista.

Assim, é durante a breve atuação de José de Arimathéa Tito Filho na Secretaria Estadual de Educação e Cultura no Piauí que João Gabriel Baptista tem sua primeira oportunidade de publicação através do Estado, tendo a obra *Resumo Corográfico do Estado do Piauí*, destinada às escolas primárias piauienses, sido diretamente financiada pelo governo estadual durante a gestão de João Clímaco de Almeida.

Não é por acaso os agradecimentos destinados por João Gabriel Baptista ao Ex-Governador João Clímaco de Almeida e ao Ex-Secretário de Estado da Educação e Cultura logo no início da obra, muito menos sem razão aparente o motivo destes agradecimentos estarem presentes nesta. Permitem, por sua vez, inferir que o convite para publicação e a editoração do livro tem início a partir do momento que João Clímaco assume o governo estadual, haja visto o curto período de sua gestão, bem como a existência de uma relação entre João Gabriel Baptista e José de Arimathéa Tito Filho, possivelmente em função de terem atuado enquanto docentes nos mesmos espaços, ou seja, o Liceu Piauiense e a FAFI (GONÇALVES, 1997).

Nos anos que seguem, João Gabriel Baptista se insere de modo mais significativo no cenário intelectual local, tornando-se um dos autores contemplados no Plano Editorial do Estado (TÔRRES, 2010) e, pouco tempo depois, sendo eleito para a Academia Piauiense de Letras. Em ambas as

⁹ Segundo Nascimento (2015), José de Arimathéa Tito Filho foi nomeado ao cargo de Secretário de Estado da Educação e Cultura no Piauí no início do ano de 1970 permanecendo nesta posição durante um ano e deixando-a quando se torna presidente da Academia Piauiense de Letras, após o falecimento de Simplicio de Sousa Mendes, função esta que exerce no decorrer de duas décadas.

¹⁰ Nascido em 1910 em Teresina (PI) e ido a óbito na mesma cidade em 1996, foi um político e bancário, tendo assumido os cargos de vereador, deputado estadual, presidente da Assembleia Legislativa, deputado federal e vice-governador. Tornou-se governador por um breve momento após a renúncia de Helvídio Nunes entre 15 de maio de 1970 até 15 de março de 1971 (GONÇALVES, 1997; NASCIMENTO, 2015).

situações é possível inferir a importância dos laços construídos com os intelectuais da época entre os anos 1960 e 1970, principalmente com José de Arimathéa Tito Filho.

Se no início dos anos 1970 foi esta relação que facilitou ou garantiu a publicação de sua obra *Resumo Corográfico do Estado do Piauí* em função do cargo que José de Arimathéa Tito Filho detinha no governo do estado, em meados da década novamente a influência deste último e a própria atuação social de João Gabriel Baptista, furtando-se de criticar o regime que viviam no momento, o favoreceu, possibilitando a publicação da primeira edição de sua *Geografia Física do Piauí*, considerada futuramente seu trabalho de maior destaque.

Deste modo, com a política cultural adotada na época pelo governo estadual, objetivando a publicação de autores nas áreas de Literatura, História e Geografia que legitimassem ou dessem o devido valor a um sentimento de pertencimento a nação, isto é, a uma identidade nacional, bem como o fomento a certas instituições, a exemplo da Academia Piauiense de Letras, “[...] o Estado parecia favorecer, entre alguns intelectuais, uma relação de dependência, baseada em pactos que beneficiavam instituições e intelectuais, caso estes agissem de modo a assessorar a cultura [...]” (TÔRRES, 2010, p. 12).

Nesse sentido, José de Arimathéa Tito Filho assumiu um papel de destaque, haja visto sua posição na Academia Piauiense de Letras, tendo sido um dos membros da Comissão de Elaboração do Plano Editorial do Estado, tornando-se um dos responsáveis pela seleção das obras que deveriam ser publicadas naquele contexto (NASCIMENTO, 2015).

Não é sem motivo, então, os agradecimentos presentes em sua obra inicial, muito menos o destaque a existência de “lacunas” no estado no tocante ao conhecimento geográfico, tratou-se de um modo do autor, de João Gabriel Baptista, e seus pares, como José Camilo Silveira Filho¹¹, de legitimar a suposta necessidade ou importância de publicação de suas obras.

¹¹ Natural de Teresina, nasceu em 1927 e faleceu em 2004. Formado em Direito foi um escritor, professor e político, tendo assumido diversas funções e cargos no governo do estado, além de ter sido docente no Liceu Piauiense, na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí e na Universidade Federal do Piauí, nesta última assumindo ainda o cargo de reitor. Foi ainda membro da Academia Piauiense de Letras, além de ter tido uma atuação pertinente no tocante à imprensa piauiense, bem como autor de diversas obras de história, especialmente sobre o Piauí (GONÇALVES, 1997).

Cabe destacar, no entanto, que observando a relação de obras publicadas na época é interessante a presença reduzida de textos que versavam sobre a geografia do Piauí¹², havendo uma preponderância significativa de livros de história e literatura, além de trabalhos sobre economia e direito, bem como biografias, autobiografias e memórias, com a produção de João Gabriel Baptista sendo uma das poucas publicações na época especificamente na área de Geografia (TÔRRES, 2010).

A publicação reduzida na área em questão pode corroborar com o discurso veiculado por João Gabriel Baptista e seus pares sobre sua produção, mas também pode significar que outros autores na época que estavam refletindo sobre estas questões não foram contemplados pelas políticas culturais da época, tendo em vista a possibilidade de estarem vinculados a setores críticos ao governo da época ou a novas manifestações culturais, optando-se por privilegiar autores que estivessem vinculados ou mantivessem relações com instituições como a Academia Piauiense de Letras, Universidade Federal do Piauí, dentre outras.

Deste modo, o convite para prefaciar *Geografia Física do Piauí* realizado a José Camilo Silveira Filho, na época reitor da Universidade Federal do Piauí, tendo sido anteriormente professor na FAFI, denota a relação que João Gabriel Baptista já vinha estabelecendo com os intelectuais daquele período, especialmente através da sua atuação no espaço acadêmico na FAFI e, posteriormente, na UFPI, com a consolidação desta relação no decorrer dos anos 1970 com o seu ingresso na Academia Piauiense de Letras em 9 de janeiro 1978, quando toma posse, haja visto que se tratou do momento em que efetivamente edifica sua identidade enquanto intelectual perante seus pares e a sociedade.

Não é por acaso, então, que o sujeito, ao rememorar o período, o identifica enquanto “[...] um dos maiores momentos de minha vida. Era um fato a entrada de um pesquisador na APL, ocupando a cadeira de um literato [...]” (BAPTISTA, 1989, p. 1) e nem se trata de algo sem motivo o destaque nas lembranças de sua filha, Elisabeth Mary de Carvalho Baptista, sobre a importância dada a seu pai acerca da Academia Piauiense de Letras, conforme observado a seguir:

[...] ele tinha muito orgulho de ter entrado na academia por ser geógrafo, pelos textos acadêmicos e científicos dele, e não por textos literários, né? [...] e meu pai não faltava, era sagrada pra ele a reunião aos sábados na Academia Piauiense. Era tão sagrada, Marcus, que ele esquecia até de mim. Teve um episódio que... Eu não ia dia de sábado. Sábado não era o

¹² Essa predileção para a publicação de obras relacionadas à história e literatura do Piauí, conforme Tôrres (2010) dialoga com uma preocupação que interpelava o governo do estado do Piauí durante este período, isto é, o de fortalecimento e valorização de uma piauiensidade, portanto, era necessário constituir essa identidade do piauiense e, neste sentido, a publicação destas e sua posterior divulgação auxiliariam nesta constituição.

meu dia. Era de segunda à sexta. Mas às vezes, por algum motivo, ou para compensar uma falta, ou pra algum trabalho que a gente tinha deixado inacabado e aí a biblioteca pedia que eu fosse no sábado para adiantar esse trabalho. No sábado que eu fui, eu sempre... Eu ia antes, né, porque ele... O horário das reuniões eram dez horas da manhã e o meu horário de trabalho era oito horas, né, então eu fui de ônibus, oito horas da manhã, pra voltar com ele meio-dia. E ele empolgado com a Academia... Muitas vezes depois da Academia ele ia almoçar, ou ia pra confraternizações com os colegas acadêmicos e ele simplesmente foi embora e se esqueceu de mim. Quando eu percebi o silêncio lá em baixo, que eu descí, o vigia tava fechando o portão. A sorte foi que o vigia ainda me viu, ainda não existia celular, né, eu nem sei como eu teria saído de lá. Ele tinha uma paixão grande demais pela Academia. A Academia pra ele era sagrada. Dia de sábado, podia acontecer o que acontecesse, ele não faltava à academia. Ele só deixou de frequentar realmente quando a condição de saúde dele não permitiu mais. Aí ele deixou de ir. Mas era muito sagrado. E ele comentava assim... Era muito divertido, ele não faltava às reuniões, não faltava nos eventos, ele fazia de tudo pra não faltar aos eventos. Quando a gente podia ir junto, melhor ainda, né? Foram muitos eventos com ele na Academia, lançamento de livro, as posses, né? Então é assim, ele... Era... Era um ambiente, assim, em que ele se sentia muito bem. Ele se sentia em casa. Ele foi secretário da academia, né, ele foi secretário. Acho que na gestão do Arimathéa foi secretário, mas a gente pode verificar isso nas revistas da Academia. Então, assim, ele se sentia muito bem na Academia Piauiense de Letras. Talvez fosse uma segunda casa para ele porque era onde ele, ali da Universidade Federal, era onde ele estava no meio dos pares dele, né? Aí ele era muito feliz na Academia (BAPTISTA, 2021).

É notável, então, a importância dada por João Gabriel Baptista às relações estabelecidas com outros acadêmicos e intelectuais, ou seja, sua inserção nestas redes de sociabilidades (SIRINELLI, 1998), não apenas a partir das lembranças de sua filha, mas também por meio das entrevistas que este concedeu ao longo de sua vida, como àquela concedida ao professor Francisco de Assis Veloso Filho em 2001, bem como aos jornais *O DIA* em 1989 e *Meio Norte* em 2001, nas quais denota estes vínculos. Não obstante, os próprios agradecimentos presentes em suas obras, especialmente ao professor Arimathéa Tito Filho indicam não somente sua inserção nestas redes de sociabilidades locais, como estas conexões ora mencionadas. Assim, é notório o valor dado pelo sujeito quanto a ocupar este lugar social (CERTEAU, 1982) comumente associado ao meio intelectual no estado.

Tratou-se de um momento, então, no qual constituiu sua identidade enquanto intelectual, sendo as redes e os afetos existentes na época peças fundamentais para que pudesse publicar suas primeiras obras nos anos 1970 e no final da década ingressar na Academia Piauiense de Letras assumindo uma cadeira junto aos demais membros. Assim, nos anos seguintes, o agora acadêmico passou a integrar diversas atividades da instituição em consonância com os pares, conforme os inúmeros registros sobre sua atuação no jornal da Academia Piauiense de Letras (APL), *Notícias Acadêmicas*, nas edições publicadas nos anos 1980.

Deve-se destacar, segundo Moura, que os anos 1970 e 1980, momento em que João Gabriel Baptista ingressa enquanto um dos acadêmicos da APL, tratar-se-ia de uma das conjunturas de maior atividade da instituição, com a instalação da atual sede da academia em 1986, além da regularidade da revista da academia e a divulgação das ações realizadas pela instituição, bem como uma significativa publicação de obras por parte de seus quadros e participação dos acadêmicos nas reuniões semanais ocorridas no sábado (MOURA, 2010). João Gabriel Baptista se enquadra nesta conjuntura tanto participando dos eventos promovidos pela academia, representando-a em algumas ocasiões, como publicando diversas obras no decorrer dos anos 1980 e início dos anos 1990.

Em outros momentos, João Gabriel Baptista é evidenciado pelo periódico da instituição, em função de ações que realizava em âmbito social, principalmente relacionadas ao seu ofício ou se tratando de pesquisas realizadas por este, podendo-se citar a participação em eventos científicos por meio da realização de palestras ou a publicação de livros. É o caso da edição de janeiro de 1987, que registra a palestra feita pelo acadêmico em evento organizado pela Universidade Federal do Piauí, informando o seguinte:

- Realizado, de 13 a 16 de janeiro, o I Seminário de Preservação do Rio Parnaíba, promovido pelo Departamento de Biologia da Universidade Federal e pela Associação Profissional dos Biólogos do Piauí. Importantes temas debatidos. Nomes de projeção nacional presentes. Palestra do acadêmico João Gabriel Baptista sob o tema “Aspectos Geográficos do Rio Parnaíba” (NOTICIÁRIO, 1987, p. 3).

O registro hemerográfico permite algumas inferências sobre a situação em questão. Possibilita indicarmos que já neste momento, isto é, em fins dos anos 1980, depois de duas décadas atuando enquanto professor universitário no curso de Geografia, bem como quase 10 anos após seu ingresso na Academia Piauiense de Letras, João Gabriel Baptista tinha seu trabalho reconhecido também em outras áreas do conhecimento, haja visto o convite para realização de palestra em um evento de Biologia.

Não apenas isso, mas destaca também um dos motes do seu trabalho, ou seja, as pesquisas que realizava sobre o rio Parnaíba, legitimando-o enquanto um dos pesquisadores naquele momento

que produziam estudos específicos sobre a principal artéria fluvial piauiense, sendo, portanto, pertinente o convite para que atendesse ao evento em questão promovido pela UFPI¹³.

Deste modo, concordando com Sirinelli acerca da historicidade envolvendo a definição do que seria o intelectual, tendo em vista ainda que este último se modifica de acordo com a sociedade em que está inserido (SIRINELLI, 2003), seria possível perceber não apenas nas obras publicadas por João Gabriel Baptista, mas nas ações realizadas, convites recebidos e eventos em que participou, nos quais discutiu elementos pertinentes não somente às suas pesquisas, mas que interessavam à sociedade de modo geral, como o caso da preservação do rio Parnaíba, uma legitimidade em seu discurso pelo lugar social que ocupava (CERTEAU, 1982).

Assim, pode-se perceber o intelectual por meio de “[...] sua notoriedade eventual ou ‘sua especialização’, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (SIRINELLI, 2003, p. 243). No caso de João Gabriel Baptista, algumas questões presentes em suas pesquisas fizeram parte do debate político/acadêmico no decorrer de sua vida e foram adereçadas diretamente pelo sujeito, a exemplo da preservação do rio Parnaíba já citada aqui, posteriormente levando alguns pesquisadores a percebê-lo enquanto um dos primeiros ambientalistas do Piauí.

Ferreira, ao discorrer sobre a história do movimento socioambientalista no Piauí, destaca a pertinência que os estudos e pesquisas de João Gabriel Baptista tiveram neste cenário, especificamente para o rio Parnaíba e a defesa de sua preservação, identificando-o enquanto um dos primeiros intelectuais no Piauí a estarem sensíveis a essa questão (FERREIRA, 2008). Assim, para a autora,

[...] na década de 70, já era visível a preocupação de alguns intelectuais com a questão ambiental, caracterizando-se por iniciativas individuais que não tinham grandes repercussões e nem conseguiam alcançar a grande massa da população, mas representaram a semente do ambientalismo piauiense, não podendo deixar de fazer parte do registro histórico do ambientalismo. João Gabriel Baptista, engenheiro civil, geógrafo, professor e escritor, membro da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, foi um dos precursores do ambientalismo no estado, demonstrando grande preocupação

¹³ João Gabriel Baptista participa também do 2º Seminário de Preservação do Rio Parnaíba realizado no ano seguinte, isto é, em 1988, contudo na condição de representante da Academia Piauiense de Letras (NOTÍCIAS ACADÊMICAS, 1988).

com a preservação do meio ambiente, sobretudo com o rio Parnaíba (FERREIRA, 2008, p. 69).

Deve-se indicar que é a participação neste congresso na Universidade Federal do Piauí e, em função de uma provocação recebida durante o evento, que o sujeito escreve ainda a obra *A Origem do Rio Parnaíba (Uma tese)*, coeditado em parceria com a Associação Profissional dos Biólogos do Estado do Piauí e com a UFPI, responsáveis pelo evento em que discursara sobre o rio como palestrante (BAPTISTA, 2021)¹⁴.

Não obstante isto, o caso da discussão sobre o litígio entre o Piauí e o Ceará se tornou outra matéria na qual João Gabriel Baptista tem destaque com suas pesquisas e discurso, intervindo diretamente no debate político, podendo-se citar a menção de suas pesquisas pelo periódico carioca nos anos 1970 e, em outro momento, sua ida à Assembleia Legislativa do Estado do Piauí para esclarecer a situação aos deputados, conforme as lembranças de uma de suas filhas (*Ibidem*).

Outro exemplo no qual as ideias do autor, ainda que em menor escala, alcançam o debate público por meio da imprensa refere-se ao horário de verão e as críticas estabelecidas por João Gabriel Baptista quanto à aplicação deste último no estado do Piauí e no Nordeste de modo geral, a exemplo da edição de 18 de outubro de 1989 do periódico *O DIA*, no qual diz o seguinte:

De duas maneiras se pode alterar as horas legais, em função da hora solar, em face aos deslocamentos da Terra [...] Criam a hora legal adiantando uma hora aos relógios, com validade em todo território nacional (exceção do Norte, por pressão deste). E por que não no Nordeste? O Norte e o Nordeste estão à mesma latitude. Se olharmos um mapa do Brasil, isto aparece imediatamente. O absurdo desta medida é frisante. É certo que o sul ganhou mais uma hora de luz, mas o Nordeste perdeu uma hora de sono. Em Teresina, às seis horas da manhã, na hora nova, ainda é escuro. Nós vamos gastar as energias que o Sul vai economizar. Onde está a lógica, se o que se ganha de um lado se perde do outro? Mude-se a hora da Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, e se deixe o Norte e o Nordeste em paz. Por que o privilégio do Norte em não mudar a hora? Os “geopolíticos” politikeiros estão ofendendo uma ciência. E isto porque o presidente da República é do Nordeste?! (BAPTISTA, O DIA, 1989, p. 1).

Ainda que se tratasse de um tema discutido em sua obra *Geografia Física do Piauí*, isto é, o fuso horário no qual o estado se encontrava, além de outras questões relacionadas à latitude e longitude, haja visto sua importância para se refletir sobre aspectos diversos da ciência geográfica como o clima,

¹⁴ Na edição de julho de 1987 do periódico *Notícias Acadêmicas* há uma breve menção ao lançamento da obra e ao teor desta.

a hidrografia, a vegetação, dentre outros, o sujeito evita em sua obra de adentrar questões que implicassem uma geopolítica.

De modo similar em outras de suas publicações anteriores dos anos 1960 e 1970, esses tópicos não se faziam presentes em seus textos, focando-se no aspecto histórico e, principalmente, geográfico do que pretendia debater em detrimento das questões políticas. Pode-se citar, por exemplo, os artigos que publicou na seção “De Quando em Quando” no periódico *Folha do Nordeste* entre 1962 e 1963 que, mesmo que trouxesse curiosidades geográficas e históricas sobre o estado, tratava de “corrigir” informações sobre a geografia do estado presentes em obras publicadas em outras regiões como ele mesmo indicava

[...] sem desejar fazer reparos aos nossos professores de Geografia do Brasil do sul do país, e que editam livros para estudantes, tencionamos apenas esclarecer àqueles que queiram dedicar-se ao estudo geo-corográfico piauiense, alguns lapsos que escaparam às publicações sucessivas de obras para estudo e consulta [...] (BAPTISTA, 1962, p. 1).

Caso semelhante é o referente aos pontos extremos do Piauí a norte, sul, leste e oeste na edição de 09 de fevereiro de 1962 do jornal, bem como outras questões não esclarecidas, citando-se as altitudes existentes no estado, haja visto a existência de informações divergentes entre os estudos que haviam sido realizados até então, discutidos na edição de 20 de fevereiro de 1962.

Em fins dos anos 1980, no entanto, algumas de suas publicações assumem um caráter mais político, seja em preservação do rio Parnaíba, como na edição de 28 de maio de 1980 do *Jornal da Manhã*, ou em crítica ao horário de verão estabelecido pelo governo federal para o país.

A possibilidade de se expressar mais abertamente sobre questões políticas que afetavam diretamente o Piauí e seu cotidiano, ainda que relacionadas com a Geografia, vinculavam-se à própria conjuntura política de redemocratização, considerando que, segundo sua filha, Maria do Socorro Baptista Barbosa, esta se lembra que “[...] quando estava no processo de abertura de papai dizendo que era bom que finalmente íamos voltar a poder eleger o nosso presidente. Ele estava muito confiante nisso, ele sentiu imensamente a morte de Tancredo Neves [...]” (BARBOSA, 2019), bem como o lugar social (CERTEAU, 1982) que agora ocupava, professor universitário há quase três décadas e acadêmico da Academia Piauiense de Letras.

É inegável, então, que João Gabriel Baptista não apenas ingressou na APL em fins da década de 1970, mas se tornou figura constante no cenário intelectual piauiense, comparecendo não somente

a eventos promovidos pela instituição, mas também pela UFPI, como interferindo diretamente no contexto local, seja por meio da defesa de suas ideias na imprensa, através dos convites feitos pelo governo do estado para esclarecimentos de questões pertinentes à sua área de atuação ou mesmo via publicação de suas pesquisas nos anos posteriores.

Quanto a estas últimas, é mister indicar que os anos 1950, 1960, bem como os anos 1970, trata-se do momento em que o indivíduo em questão passou a produzir de modo mais enfático suas pesquisas e, não somente isto, mas refere-se ao contexto em que passa a conhecer de modo mais significativo boa parte do Piauí, principalmente em função de outros ofícios que exerceu enquanto engenheiro, seja na área sanitarista, ferroviária ou rodoviária, que terminava forçando-o a viajar pelo território piauiense, conforme indicado previamente.

Durante estes anos, João Gabriel Baptista deixou registrado dezenas de fotografias das localidades que visitou para a elaboração do plano rodoviário que deveria ser implementado no estado do Piauí em consonância com o contexto nacional de integração do território (FONTINELES, 2009). Estas viagens, assim como outras que realizara previamente em cargos que havia assumido, contribuem para a elaboração de seu pensamento e a produção de suas obras, notadamente marcada pela empiria e trabalho de campo.

A ida a campo tornou-se um dos elementos fundamentais na construção das obras de João Gabriel Baptista e elaboração do seu pensamento, tendo em vista a forma como a empiria, juntamente ao estudo bibliográfico, lhe permitiu formular hipóteses, dependendo das questões a serem debatidas, bem como indicar configurações geográficas específicas do Piauí, a exemplo das considerações realizadas em *Geografia Física do Piauí*.

No caso de seus estudos sobre o rio Parnaíba, a ida ao campo, então, especificamente a expedição em busca das nascentes do Parnaíba, possibilitaria a João Gabriel Baptista não apenas discordar de uma bibliografia, ainda que escassa, já estabelecida sobre o rio, no tocante à sua nascente, como também produzir as próprias hipóteses de como esta via fluvial teria tido origem, em uma época que os estudos de Geografia no Piauí ainda possuíam um caráter reduzido.

Deste modo, suas duas obras publicadas específicas sobre o rio Parnaíba, *Nascentes de um rio* de 1971 e *A Origem do Rio Parnaíba (uma tese)* de 1987, de um modo ou de outro seriam impactadas pela pesquisa de campo. A primeira, na qual realiza estudo bibliográfico acerca das nascentes de rios

para posteriormente indicar as possíveis nascentes do Parnaíba com as informações que se tinham até então, utilizando-se de registros e informações que se tinham sobre o rio Parnaíba provenientes do *Tratado Descritivo do Brasil* (1587) de Gabriel Soares Sousa, o relatório do Padre Miguel de Carvalho (1697), a *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841) de George Gardner e das viagens e relatos de Gustavo Dodt (1891-1903) em sua *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi*, tem sua compreensão alterada, haja visto que a partir de 1978 o riacho que dá origem ao Parnaíba foi identificado com a expedição realizada por João Gabriel Baptista juntamente a outros pesquisadores da UFPI¹⁵.

Com relação a *A Origem do Rio Parnaíba (uma tese)* de 1987, já tendo ciência da nascente do rio em questão, o sujeito sugere na obra as possíveis origens geológicas e geomorfológicas do Parnaíba, novamente dialogando com a teoria, indicando como os rios têm suas origens, e sobrepondo esta hipótese para o caso piauiense, a partir das observações que havia feito em campo em anos pretéritos durante a expedição realizada em conjunto com os professores da UFPI e registrada pela *Manchete*. Neste sentido, a presença em campo, os dados coletados, fotografias registradas e a própria observação possibilitaram que após provocação recebida em evento na UFPI João Gabriel Baptista pudesse elaborar e publicar este livro em fins dos anos 1980.

Sua inserção, então, nestas redes de sociabilidades, assim como os estudos bibliográficos e de campo que realizara ao longo da vida, continuaria a influenciar em sua trajetória acadêmica e intelectual, permitindo que em fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, tivesse outras de suas pesquisas publicadas, sendo elas: *Mapas Geohistóricos* em 1986, *A Origem do Rio Parnaíba (uma tese)* no ano de 1987 já citada, a terceira edição de *Geografia Física do Piauí* dividida em dois volumes com o primeiro sendo lançado em 1989 e o segundo em 1990 e *Etnohistória indígena piauiense* publicada em 1994.

¹⁵ No final da década de 1970, em um momento que já se tornara mais presente no cenário intelectual, especialmente enquanto pesquisador e professor na área de Geografia no Piauí e, principalmente, sobre o rio Parnaíba, João Gabriel Baptista é convidado juntamente a outros professores da Universidade Federal do Piauí para integrarem uma expedição com o objetivo de percorrer o Piauí até as nascentes de sua maior via fluvial, o Parnaíba. Foi em parceria com Noé Mendes de Oliveira, também professor do Departamento de História e Geografia da UFPI, o naturalista Jásão Bahia, o ecólogo João Dumbra e David Louis Olson, jornalista que assina a matéria publicada na revista *Manchete*, que João Gabriel Baptista atravessa o território piauiense até o suposto local onde encontrar-se-ia as nascentes do Parnaíba. Na reportagem, o jornalista traz um relato do trajeto feito pelos pesquisadores e por ele próprio para que pudessem chegar ao curso d'água que dá origem à nascente do rio Parnaíba, destacando as dificuldades enfrentadas pelo grupo e os diferentes meios de transporte que tiveram de utilizar para conseguirem alcançar o objetivo.

Nesta época, o governo piauiense dava continuidade à proposta implementada na década anterior nos governos de Alberto Silva e Dirceu Arcoverde¹⁶, isto é, o Plano Editorial do Estado, criando, a partir do Decreto nº 5.678 em 1984 no governo de Hugo Napoleão do Rego Neto¹⁷, o Projeto Petrônio Portella, tendo um objetivo similar ao de seu predecessor, isto é, publicar obras que tratassem do Piauí, de seu povo e de sua cultura (MOURA, 2010).

De modo similar ao Plano Editorial do Estado, no Projeto Petrônio Portella também houve o envolvimento direto de indivíduos relacionados com o cenário intelectual da época integrantes do Conselho Editorial que, juntamente a Fundação Cultural do Piauí e o Secretário-Executivo Wilson Gondin Cavalcante, o coordenavam. Dentre estes intelectuais presentes pode-se citar professores universitários e acadêmicos que conheciam ou mantinham relação com João Gabriel Baptista, como Clidenor de Freitas Santos e José Camilo da Silveira Filho (*Ibidem*).

Estes últimos, juntamente ao Conselho que compunham, eram responsáveis por fazer uma “[...] avaliação crítica da obra, emitindo parecer conclusivo, recomendando ou não sua publicação [...]” (*Ibidem*, p. 188) das obras enviadas e recebidas pelo Secretário-Executivo. Neste momento, segundo Moura, dava-se preferência para obras inéditas, tendo sido publicadas vinte e quatro livros, sendo onze de História e treze de caráter literário no decorrer do governo de Hugo Napoleão através do Projeto Petrônio Portella (*Ibidem*).

O destaque quanto aos indivíduos que compuseram o Conselho se faz pertinente, considerando que, novamente, pessoas que frequentavam os mesmos espaços que João Gabriel Baptista, isto é, que estavam inseridos nas redes de sociabilidade (SIRINELLI, 1998) em que este também se encontrava, faziam parte do grupo dos responsáveis pela seleção de obras a serem

¹⁶ Nascido em Amarante (PI) em 1925 e falecido em Brasília em 1979, foi um professor, médico e político brasileiro. Bacharelou-se em Medicina na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), tendo sido posteriormente professor de anatomia na Universidade Federal do Piauí. Exerceu cargos diversos ao longo de sua carreira como: Presidente do Instituto de Assistência Hospitalar do Estado, Diretor da Faculdade de Medicina do Piauí, Governador do Piauí entre 1975 e 1977, bem como senador da república, falecendo durante o exercício de seu mandato no senado (GONÇALVES, 1997).

¹⁷ Nasceu em Portland no estado do Oregon nos Estados Unidos da América em 1943 na época em que seu pai atuava nesta localidade enquanto vice-cônsul pelo Brasil. Em 1967, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), tendo sido professor posteriormente nesta mesma instituição. Em 1974, muda-se para o Piauí, sendo eleito enquanto deputado federal entre 1975 e 1979 e reeleito para os anos de 1979 e 1983. Entre 1983 e 1986 foi governador do Piauí, sucedendo o governo de Lucídio Portela, momento no qual cria o Projeto Petrônio Portela. Assume ainda outros cargos políticos, como Ministro da Educação em 1987, Ministro da Cultura em 1988, Ministro das Comunicações entre 1992 e 1993, além do cargo de senador entre fins do século XX e início do XXI. Nas últimas décadas exerceu também novamente o cargo de deputado federal e governador do Piauí (GONÇALVES, 1997).

publicadas, certamente influenciando na preferência pela sua considerando o lugar social (CERTEAU, 1982) que também ocupava neste contexto, agora já reconhecido pelos pares enquanto um intelectual. No entanto, apenas no governo seguinte, de Alberto Tavares Silva, João Gabriel Baptista tem uma obra publicada, seu livro *Mapas Geohistóricos*, no ano de 1986, após o término do governo de Hugo Napoleão.

Não obstante isto, o próprio autor na apresentação da obra destaca a importância da atuação de um de seus amigos acadêmicos para que o livro em questão pudesse vir a público, indicando que “[...] sua publicação se tornou possível graças aos esforços do Prof. José de Arimathéa Tito Filho, que conseguiu contornar as dificuldades que surgiram desde que o entregamos ao Projeto Petrônio Portela, em 1985 (outubro)” (BAPTISTA, 1986, p. 3). Mesmo que o autor não infra quais problemas teria tido exatamente posteriormente ao envio da obra, isto é, se eram questões políticas, de conteúdo da obra ou outra situação em particular, fica claro o destaque às redes que compunha no momento e a relevância destas para que a obra pudesse ser publicada.

Diferente de suas obras anteriores esta foi, efetivamente, a primeira do autor a enveredar pelo campo da História, ainda que a partir de um trabalho interdisciplinar, tratando-se de um livro que atravessa a história do território piauiense através do estudo histórico da cartografia. Por meio desta, o autor apresenta ao leitor como a configuração territorial do estado modificou-se ao longo do tempo, tendo o cuidado de contextualizar cada período e, em certos casos, produzir mapas através de descrições do Piauí presentes em documentos históricos.

Sobre os porquês do diálogo interdisciplinar com a História agora explícito em sua escrita acadêmica através da publicação desta obra e se esta modificação em seu arcabouço teórico se relacionava de algum modo com a comunidade de historiadores piauienses na época João Gabriel Baptista rememora o seguinte em entrevista concedida ao professor Francisco de Assis Veloso Filho: “Foi exatamente uma iniciativa minha. Eu gostava do assunto!” (BAPTISTA, 2001). Ainda que destaque também a influência de historiadores e intelectuais piauienses como Abdias Neves, Tanya Maria Pires Brandão, Odilon Nunes e José Camilo Filho, reforça, novamente, que o interesse em escrever *Mapas Geohistóricos* e, posteriormente, *Etnohistória Indígena Piauiense* nada teve a ver com uma suposta influência ou diálogo com estes autores.

Ainda que a entrevista concedida por João Gabriel Baptista (1920-2010) seja um dos poucos registros que tivemos acesso sobre o sujeito no qual produz um discurso e memória de si, tornando-se, assim, documento privilegiado para refletir sobre o autor, é preciso indicar que em alguns momentos da entrevista é possível perceber repetições e, talvez, até certa confusão quanto às perguntas realizadas pelo entrevistador. Considerando a proximidade com o momento no qual é diagnosticado com Alzheimer sugerimos, talvez, que a doença já começava a manifestar-se e, portanto, algumas de suas lembranças aparecem de modo problemático em seu discurso, a exemplo desta interlocução sobre as influências em torno de suas obras de cunho histórico.

Assim como em suas obras anteriores, em *Mapas Geohistóricos* novamente o discurso sobre o preenchimento de lacunas no tocante a estudos sobre o Piauí tornam a aparecer, dessa vez legitimado pelo intelectual convidado para escrever o prefácio da obra, Edson Gayoso Castelo Branco Barbosa¹⁸, no qual afirma que “[...] o revigoramento dos estudos piauienses está presente em ‘Mapas Geohistóricos’, do ilustre Professor João Gabriel Baptista. Veio, sem dúvida, preencher uma lacuna” (BARBOSA, 1986, p. 2).

Por fim, *Mapas Geohistóricos* e *Etnohistória Indígena Piauiense*¹⁹, tratar-se-iam de capítulos de sua proposta de obra denominada *Geografia Humana do Piauí* que na época ainda se propunha a fazer, mas como o próprio João Gabriel Baptista indica na apresentação de *Mapas Geohistóricos* “[...] as despesas com a obra completa ficariam a preço tão inacessível, que resolvemos apresentá-lo isoladamente [...]” (BAPTISTA, 1986, p. 3).

Deste modo, o que torna ainda mais singular em sua trajetória trata-se das condições que permitiram a formação não somente de um intelectual na segunda metade do século XX em

¹⁸ Nascido em 1935 em Teresina, é um escritor e professor universitário. Graduado em Direito e História, assumiu alguns cargos ao longo de sua vida, como Diretor Geral do Tribunal de Justiça e do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Piauí. Autor da obra *O Parnaíba – Contribuição à História da Navegação*, fruto de sua dissertação de mestrado e publicada através do Projeto Petrónio Portella (BASTOS, 1994). Conforme as lembranças de Baptista (2021), era grande amigo de João Gabriel Baptista, tendo lhe apresentado com o livro à época de sua publicação com a seguinte dedicatória: “Ao ilustre Professor João Gabriel Baptista com um abraço”.

¹⁹ Tratando-se de seu primeiro livro publicado com enfoque na área de História, de forma similar a suas obras anteriores, novamente em *Etnohistória Indígena Piauiense*, prevalece a pertinência da inserção nas redes de sociabilidade da época (SIRINELLI, 1998) para que a editoração desta obra fosse possível. Assim, mais uma vez é sua condição enquanto professor universitário e acadêmico da APL que permite sua participação em outro projeto governamental de incentivo a publicações culturais e científicas referentes ao Piauí, no caso em questão o Plano Editorial “Ciências e Letras” em parceria com a editora da UFPI (EDUFPI) e a Academia Piauiense de Letras naquele contexto. Além disso, em seu prefácio, dessa vez assinado pelo professor Manoel Paulo Nunes, outra vez é destacado a contribuição que João Gabriel Baptista trazia para os estudos sobre o Piauí.

Teresina, mas de um intelectual na área de Geografia em um momento que o curso acabara de ser instalado na capital e que as pesquisas no campo eram escassas.

Em um contexto em que se tinha poucas pesquisas na área referente ao Piauí e uma quantidade reduzida de obras circulando, tornou-se pertinente para a elaboração de seu pensamento e de suas obras a utilização de bibliografias diversas, algumas em outros idiomas (inglês, francês e espanhol), bem como o trabalho de campo, permitindo a João Gabriel Baptista que aliasse a teoria com a empiria ao refletir, principalmente, sobre a geografia do Piauí, conforme indicado.

Conclusão

É perceptível, então, como ao longo de sua vida, especificamente após sua formação profissional, João Gabriel Baptista passa a construir uma trajetória intelectual, se configurando os anos 1960/1970 como o período em que passa a constituir-se enquanto um intelectual, bem como é legitimado e reconhecido pelos pares a partir de sua inserção no meio universitário enquanto docente, bem como na Academia Piauiense de Letras.

Assim, é a partir de suas pesquisas/publicações que se insere nas redes de sociabilidades locais, como também se torna um dos primeiros intelectuais piauienses a ter uma produção sistemática na área de Geografia a partir de um lugar social institucionalizado, inicialmente a Universidade e, posteriormente, a Academia Piauiense de Letras.

Na área de História, mesmo que existissem diversos outros autores que já discorressem sobre a história do Piauí, é interessante destacar a proposta interdisciplinar de cartografia histórica apresentada por João Gabriel Baptista e a mudança da perspectiva quanto a cultura dos povos indígenas, deixando de percebê-los enquanto inferiores como outros textos de historiografia indígena no Piauí, e compreendendo-os como sujeitos diferentes com uma cultura distinta.

É evidente como os contextos em que esteve inserido influenciaram diretamente em suas escolhas, trajetória de vida e até mesmo nas pesquisas que realizou, isto é, indicando que de modo algum João Gabriel Baptista imaginava as identidades que viria a construir ou as pesquisas que viria a realizar, com suas ações e imaginário se modificando à medida que vivenciava novas experiências.

Fica, então, a compreensão que o “[...] sujeito atua em inúmeras esferas sociais [...] e que, com inúmeras escolhas, possibilidades e estratégias, lidaria com as múltiplas interações que sua rede de interdependências lhe possibilitaria, alterando e construindo a própria estrutura” (CARNEIRO, 2018,

p. 56) e, assim, longe de uma vida de certezas ou de uma ilusão de uma infalibilidade da trajetória percorrida, João Gabriel Baptista esteve marcado por incertezas e pelo contexto de seu tempo à medida que se constituiu enquanto um intelectual na segunda metade do século XX no Piauí.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- BAPTISTA, Elisabeth Mary de Carvalho. **Elisabeth Mary de Carvalho Baptista: depoimento** [nov. 2021]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2021. *Google Meet*. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.
- BAPTISTA, João Gabriel Baptista. Uma ofensa à geopolítica. **O DIA**, Teresina, ano 38, p. 4, Quarta-feira, 18 out. 1989.
- BAPTISTA, João Gabriel. **A Origem do Rio Pamaíba (uma tese)**. Teresina: EDUFPI, 1987.
- BAPTISTA, João Gabriel. De Quando em Quando. **FOLHA DO NORDESTE**, Teresina, 9 fev. 1962.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. Teresina: COMEPI, 1994.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Geografia Física do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1975.
- BAPTISTA, João Gabriel. **João Gabriel Baptista: depoimento** [out. 2001]. Entrevistador: Francisco de Assis Veloso Filho. Teresina, 2001. Gravador Analógico. Entrevista concedida a Francisco de Assis Veloso Filho.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Mapas geohistóricos do Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portela/COMEPI, 1986.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Nascentes de um rio**. Teresina: J. Diniz, 1971.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Resumo Corográfico do Estado do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1971.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Vulcões do Brasil**. Teresina: Papelaria Piauiense, 1951.
- BARBOSA, Edson Gayoso Castelo Branco. Apresentação. In: BAPTISTA, João Gabriel. **Mapas geohistóricos do Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portela/COMEPI, 1986. p. 1-2.

- BARBOSA, Maria de Socorro Baptista. **Maria de Socorro Baptista Barbosa**: depoimento [jun. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Skype. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.
- BARROS, Cláudio. João Gabriel Baptista, um geógrafo que fez História. **MEIO NORTE**, Teresina, p. 6-7, Segunda-feira, 13 ago. 2001.
- BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- CARNEIRO, Deivy Ferreira. Os usos da biografia pela micro-história italiana: interdependências, biografias coletivas e network analysis. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 33-58.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COMO nasce e como é o Parnaíba, um rio ameaçado (I). **Jornal da Manhã**, Teresina, ano 1, n. 40, 2º caderno, p. 8, quarta feira, 28 maio 1980.
- FERREIRA, Ana Raquel Pinto Guedes. **A História do Movimento Ambientalista**: A sua trajetória no Piauí. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. 2009. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- GABRIEL Baptista: desvendando os segredos da geografia do Piauí e do Brasil. **O DIA**, Teresina, ano 38, Caderno 2, p. 1, Sábado, 21 out. 1989.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. *In*: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 53-72.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Grande Dicionário histórico-biográfico piauiense 1549-1997**. Teresina: [s.n.], 1997.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEAL, Fabiana Machado. Corologia e o Sentido de Localização. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 8, 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: ANPEGE, 2009. p. 1-18.
- MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **Os alicerces da Educação Superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930 - 1970)**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.
- MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. **Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais**. 2010. 251 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- NASCIMENTO, Bárbara Bruma Rocha do. **História, cidade e literatura em A. Tito Filho (1971 – 1975)**. Teresina, 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.
- NOTICIÁRIO. **Notícias Acadêmicas**, Teresina, ano 2, n. 13, p. 1-4, jan. 1987.
- NOTICIÁRIO. **Notícias Acadêmicas**, Teresina, ano 3, n. 27, p. 1-8, mar. 1988.
- O PIAUIENSE. Verbetes Piauienses. **O DIA**, ano 15, n. 1808, Teresina, 26 mar. 1966.
- OLSON, David Louis. O último segredo do Parnaíba. **Revista Manchete**, n. 1346, p. 63-68, Rio de Janeiro, 4 fev. 1978.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- SILVEIRA FILHO, José Camilo da. Apresentação. *In*: BAPTISTA, João Gabriel. **Geografia Física do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1975.
- SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. **O Poder e as Letras**: políticas culturais e disputas literárias em Teresina nas décadas de 1960 e 1970. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7 – 72.